

A MASCULINIDADE CIGANA EM PROCESSO: uma análise etnográfica a partir dos Calon da costa norte da Paraíba¹

The gypsy masculinity in process: an ethnographic analysis from the Calon of the northern coast of Paraíba

Renan Jacinto Monteiro

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista CAPES².

Edilma do Nascimento J. Monteiro

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFSC). Bolsista CNPq³.

RESUMO. As discussões no tocante às relações de gênero entre os teóricos no Brasil surgem por volta dos anos de 1970, eclodindo, mais recentemente, em meados dos anos de 1990. A antropologia e áreas afins há anos vêm se debruçando em pesquisas que buscam compreender as relações de gênero em distintas sociedades/grupos/povos. Assim, este artigo objetiva conhecer a construção do “ser homem” entre os Calon da Rua dos Ciganos, tendo como base os dados obtidos a partir de uma pesquisa iniciada em maio de 2014, e que ainda está em andamento. Dialogamos com bibliografias que dão aporte para pensar os ciganos como grupo étnico, bem como dentro da perspectiva de uma masculinidade cigana. A observação participante e os registros audiovisuais são os métodos utilizados para conhecer e compreender como acontece a transição de menino a homem, na perspectiva de ciclos geracionais, passando também pelo dado de reconhecimento e pertença ao grupo. Assim, escrevemos sobre alguns pontos observados em momentos de cotidiano e de festividades em que meninos e homens convivem e constroem em diálogo o processo de tornar-se “homem Calon”.

PALAVRAS-CHAVES: Menino Calon. Homem Calon. Ciganos. Honra.

¹ Gostaríamos de agradecer a todos os ciganos Calon que têm nos recebido em seus ranchos com tanto afeto e carinho. Dedicamos a todos eles os frutos gerados a partir desta relação.

² Integrante do Grupo de Pesquisa CRIAS-UFPB.

³ Integrante dos Grupos de Pesquisa NEPI-UFSC; GEC-UFPB e CRIAS-UFPB. Participa da Rede Acadêmica Europeia de Estudos Romani (Romani Studies). A pesquisa teve auxílio do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural.

ABSTRACT. Discussions on gender relations among theorists in Brazil emerged around the 1970s, but broke out more recently in the mid-1990s. Anthropology and related fields have been pursuing research for years in those who seek to understand relationships in different societies / groups / peoples. Thus, this article aims to know the construction of the "being man" among the Calon of the Street of Gypsies, based on data obtained from a survey started in May 2014, and which is still in progress at the present time. We deal with bibliographies that give the gypsies an idea as an ethnic group, as well as from the perspective of a gypsy masculinity. Participant observation and audiovisual records are the methods used to know and understand how the transition from boy to man occurs, from the perspective of generational cycles, also passing through the data of recognition and belonging to the group. Thus, we write about some points observed in moments of daily life and festivities in which boys and men coexist and build in dialogue the process of becoming "calon man".

KEYWORDS: Calon Boy. Calon Man. Gypsies. Honor.

APRESENTAÇÃO

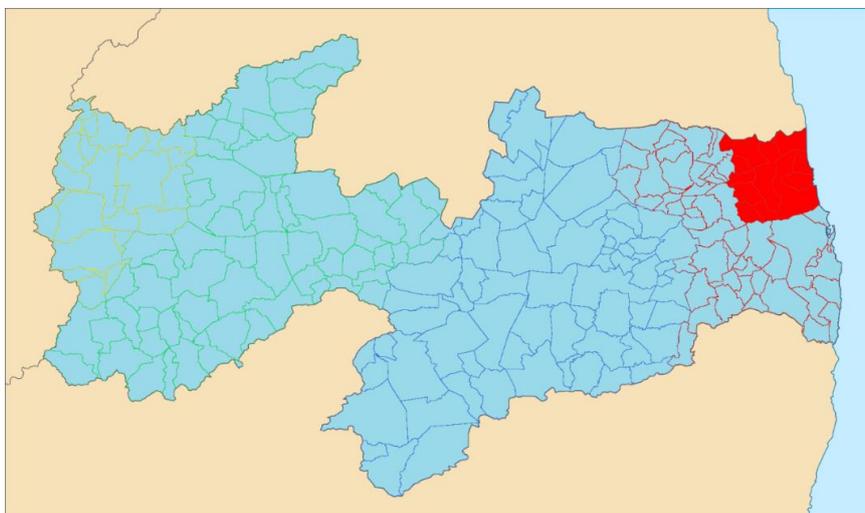
Apresentamos, neste trabalho, uma proposta sobre a discussão do “Ser Homem entre os Calon”, partindo de uma análise conjunta e resultante de pesquisas realizadas e apresentadas em um Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais (MONTEIRO, 2017), na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e em uma Dissertação no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, defendido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (MONTEIRO, 2015). Trata-se de um texto construído a partir das observações dos pesquisadores em campo. Para refletir sobre a formação desse homem Calon, não apresentamos o adensamento de uma proposta teórica da teoria de gênero, mas buscamos observar a projeção do ser masculino entre as relações no contexto etnográfico, pensando como relações são construídas a partir de um pressuposto poder dimensionado pelas estruturas sociais (BOURDIEU, 2003). Apresentamos a proposta de pensar o ser homem dentro da lógica do padrão binário. Essa é a base das relações de gênero entre os Calon pesquisados. Não se trata de retroceder nas discussões de gênero, mas de buscar compreender a realidade do “outro” e sua forma de construir sua socialidade. A distinção mulher/homem marca as relações de gênero nos discursos dos Calon.

Nos tópicos subsequentes do texto, pensamos em conduzir o leitor até o contexto etnográfico em questão, para explicar a perspectiva em que compreendemos os Calon nas categorias antropológicas e, no momento posterior, pensar como é construída a categoria geracional da infância, apontando o matrimônio como uma etapa do limbo nesse processo de “tornar-se homem Calon”. Então, adentremos na *Rua dos Ciganos*.

CONTEXTO ETNOGRÁFICO: PERCURSO DA PESQUISA

A Rua dos Ciganos está localizada na região da Costa Norte⁴ da Paraíba, na extremidade da cidade, num bairro mais afastado do centro. Tal localização é bastante comum dos ranchos⁵ entre os ciganos, quando comparada a outros contextos de pesquisa (GOLDFARB, 2003; FERRARI, 2010). Abaixo apresentamos um mapa da Paraíba destacando a Costa Norte, região de maior circulação desses Calon.

Figura 1: Mapa do Estado da Paraíba. Em destaque, cidades da Costa Norte.



Fonte: Renan Monteiro, 2018. Base: IBGE, 2017.

⁴ A Costa Norte da Paraíba é composta por um total de dez cidades. Juntas, elas também fazem parte da Região Geográfica Intermediária Mamanguape – Rio Tinto, definida pelo IBGE no ano de 2017.

⁵ Rancho é o termo êmico utilizado para designar casa, ou qualquer lugar de parada ou abrigo, podendo ser desde barraca de lona até uma casa de alvenaria.

As primeiras visitas a essa comunidade ocorreram em meados do ano de 2013, como parte integrante da pesquisa de mestrado de uma das autoras (MONTEIRO, 2015). Posteriormente, o campo passou a ser realizado pelo casal, com idas e vindas na pesquisa etnográfica. A partir de leituras e participando de grupos de discussão em eventos acadêmicos sobre o tema, tomamos conhecimento das lacunas em relação às questões geracionais e sobre o universo masculino cigano. Nos grupos de discussões não era falado especificamente sobre essas questões e os textos brasileiros também não faziam menção. Já no contexto pesquisado, percebíamos cada vez mais novas perspectivas e posições de se vivenciar a lógica de vida Calon a partir do olhar geracional e de gênero.

A condição de sermos um casal sempre foi posto como ponto de acesso favorável. Ser casal pode ser também uma forma de tornar favorável a pesquisa, pois como descreve Ana Claudia Marques (2002), pesquisar em casal é muito vantajoso em alguns contextos.

Considero esta mudança em comitiva para o campo, malgrado sua explicitação possa soar um tanto inusitada, sobretudo fora das páginas de agradecimentos, um fator muito importante para dar conta de nossa própria apreensão mais imediata por parte daqueles com quem finalmente realizaríamos nosso trabalho. Cheguei acompanhada da minha família e foi nesta condição que estabelecemos as mais importantes relações de meu trabalho de campo e que, de um modo geral, fomos todos assimilados como novos residentes. Sempre soube-me observada, tanto quanto observadora. Tendo logo notado a curiosidade, senão desconfiança, que nossa presença forasteira suscitava, percebi a conveniência de invocar a presença da família, abanadora da qualidade de nossas intenções. Por outro lado, a ciência de nossa condição de pesquisadores como um casal [...] esmaeceu em boa dose as inevitáveis suspeitas suscitadas pelas relações de gênero com estranhos (MARQUES, 2002, p. 27).

Por ser um contexto marcadamente binário, homens se relacionam muito mais com homens, e mulheres com mulheres, ainda mais se tratando de não-ciganos, que era nosso caso. Portanto, cada um de nós tinha mais proximidade com o gênero que

representava: homens/mulheres. Compartilhávamos entre nós o que víamos, ouvíamos e sentíamos. Desta maneira, este trabalho pôde ser enriquecido com diferentes olhares.

A partir das informações obtidas nas conversas informais com os ciganos, e também entre nós, traçamos como caminho metodológico a observação participante, a mesma apreendida a partir de Malinowski (1984 [1922]) e Foote-Whyte (2001 [1943]). Ambos os autores, em suas experiências, dialogaram conosco em momentos distintos da pesquisa e mostraram como é essencial a imersão para a compreender a lógica de modos de vida diversos.

Não foram realizadas entrevistas para compreender as perspectivas locais sobre masculinidade. Nossa preocupação centrava-se em vivenciar o cotidiano deles, na tentativa de codificar, a partir desta relação, e realizar uma tradução, na perspectiva teórica da antropologia, sobre o que estávamos vivendo com os Calon daquela localidade. Participamos de momentos diferenciados, em especial, trazemos aqui os momentos relacionados às festas e comensalidades.

As festas representam momentos de maior relevância para observar algumas práticas e relações entre os homens. Durante esses momentos o pesquisador era chamado para participar das festividades, embora sendo sempre alertado por uma liderança local: “beba não meu filho, isso presta não”. Seguindo suas dicas, não bebíamos álcool. Mas em um dia, o Sr. Waldick, que sempre falava que não bebia, iniciou os festejos no réveillon de 2014/2015 bebendo. Foi aí que o pesquisador recebeu permissão. Abaixo narramos um diálogo entre ambos:

- E Renan vai beber, não?
- Quero não, Seu Waldick.
- Beba meu filho, tem problema não. Só tem a gente.

A partir do momento em que o pesquisador passou a viver momentos de socialidade entre os homens, os Calon não tiveram mais receio em contar certas coisas

ou deixar que ele escutasse algo, ainda que precisassem cortar o chibi⁶ em sua presença. Não que agora ele estivesse livre para escutar e participar de tudo, mas passou a ter mais respeito entre os Calon como um homem, sendo autorizado a presenciar certos aspectos do cotidiano aos quais antes não tinha acesso. E foi assim, comendo, bebendo, participando de jogos e conversando que obtivemos os dados apresentados.

Embora a escolha da observação participante fosse a ferramenta metodológica mais útil, uma questão, que também apareceu para Foote-Whyte (2001), colocava-se: poderia esse modo de pesquisar ser validado como pesquisa?

Assim ficava pensando se simplesmente parado na esquina seria um processo suficientemente ativo para ser dignificado pelo termo “pesquisa”. Talvez devesse fazer perguntas a esses homens. No entanto, é preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, e também que perguntas fazer. (...) Descobri que isso era verdade. Sentando e ouvindo, soube as respostas que nem mesmo teria tido a ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas (FOOTE-WHYTE, 2001, p. 303-304).

O próprio Foote-Whyte não abandonou as perguntas, como ele mesmo afirma: “aprendi a julgar quão delicada era uma questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a só fazer uma pergunta delicada quando estivesse seguro da solidez de minha relação com ela” (FOOTE-WHYTE, 2001, p. 304). A ideia de escutar e não fazermos perguntas foi levada ao extremo, passando a questionar se estávamos fazendo ou não observação participante ou uma “participação observante” (CARDOSO, 1986, p. 95). Ou seja, se os ciganos estavam cientes que éramos pesquisadores, ou seríamos só visitas, quase sempre interpelados por ser quase uns “Calonzinhos”.

OS CIGANOS NAS DISCUSSÕES ANTROPOLÓGICA

Tendo em vista a temática proposta nestas linhas, iniciamos a definir como situamos os Calon em termo de categoria conceitual de análise antropológica. A nosso

⁶ Língua própria dos Calon, também chamada de calé. A expressão “cortar o chibi” significa falar o chibi, no intuito de restringir o que se quer comunicar apenas àqueles que são fluentes. Para um conhecimento aprofundado sobre o Chibi, ver Goldfarb (2013) e Monteiro (2015).

ver, essas categorias são fundamentais para a construção do “ser homem”, e consequentemente, da honra Cigana a partir de uma cosmologia Calon.

Quando falamos em ciganos, a nossa mente sempre traz as representações simbólicas mais divulgadas, assim como Ferrari (2002) analisou nas representações sobre ciganos na literatura brasileira. Durante anos de nossas vidas, são constantes as vezes que escutamos discursos pejorativos sobre esse povo. Queremos ressaltar que nossas relações estabelecidas com diferentes grupos de ciganos Calon demonstram que suas práticas cotidianas os distanciam completamente das significâncias atreladas ao termo “ciganos”.

Falamos de ciganos referindo-nos a um povo, a um grupo social considerado étnico. E é na perspectiva da etnicidade que enveredamos por estas linhas. No que se refere à etnicidade, é essencial retomarmos uma discussão que se estabeleceu ainda nos momentos iniciais das Ciências Sociais, pelo sociólogo Max Weber (1922) que analisou grupos étnicos como uma comunidade de pessoas que se agrupa em torno de alguns elementos comuns e de pertencimento.

(...) aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no Habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias (...) (WEBER, 1994 [1922], p. 270).

Segundo Weber, nas comunidades étnicas haveria um sentimento de pertença e uma crença numa mesma origem que moveria a ação coletiva. Nesse sentido, segundo Arruti:

A tese central de Weber, portanto, é da artificialidade da comunidade étnica que é, em primeiro lugar, uma comunidade política. É esta que, em função da busca de signos para se consolidar, acaba por encontrar ou produzir uma natureza: ou a crença em uma origem comum; ou afinidade entre os que se percebem como iguais (...). Para o autor, a comunidade étnica é criada pela transformação do fortuito em essencial (...) (ARRUTI, 2014, p. 203).

Posteriormente a Weber, e influenciado por suas ideias, o antropólogo Fredrick Barth (1998) também se tornou referência indispensável para o estudo de grupos étnicos

a partir do seu texto “Grupos Étnicos e Suas Fronteiras”. O autor, contrariando a ideia de que o fortalecimento de uma identidade era proporcional ao nível de isolamento existente, afirma que é a fronteira étnica que define o grupo. Ou seja, será na interação entre os que pertencem ao grupo étnico e os que não pertencem que se formará os traços diacríticos definidores da fronteira entre grupos. É no encontro que a *identidade contrastiva* se define. Consideramos, então, que os ciganos são um grupo étnico, e que é na interação entre os ciganos e os não-ciganos que a sua cultura é reafirmada, estabelecendo-se as fronteiras num sentido cosmológico de moral e de valores que precedem a identidade Calon.

DE MENINO A HOMEM: O CASAMENTO COMO UMA DAS ETAPAS DO TORNAR-SE ADULTO

Assim como os estudos de gênero, raça, etnicidade que permitem a nossa compreensão sobre aspectos marcadores e categorias como homem/mulher, negros/brancos e quilombola/índigenas, compreender as fases da vida nos impulsiona ao estudo conceitual de geração. Desta forma precisamos considerar, a partir da perspectiva do grupo, como concebe cada etapa do ciclo de vida Calon. Wagner (2010) diz que a partir do conceito de cultura a antropologia faz uma espécie de “tradução” de aspectos das vidas de alguns grupos, utilizando de suas noções de cultura. Assim também nos falava Roberto Cardoso de Oliveira (1996), ao nos anunciar que o antropólogo utiliza as lentes da antropologia para a realização do trabalho de campo. Como antropólogos, muitas vezes não relativizamos ao ponto de dimensionar que o nosso olhar é treinado e direcionado a enxergar categorias, conceitos, valores, ações, objetos, e certezas dentro do nosso espectro de conhecimento.

Desta maneira, inicialmente apresentamos aos leitores algumas reflexões sobre o período de transição da fase da infância à fase adulta e, mais especificamente, da transição de menino a homem Calon. Ao tomar como base a fase inicial desse ciclo de vida, através da pesquisa, podemos compreender como os ciganos da Costa Norte Paraibana concebem a infância. Como falamos anteriormente, nosso olhar e compreensão da fase da vida dos ciganos foi ressignificado a partir da vivência com os

próprios Calon, aprendendo como a vida vai sendo construída e, em específico, como concebem suas fases do ciclo de vida de formas específicas.

Entre os Calon com quem realizamos a pesquisa, o período da infância não é delimitado ou reconhecido em limites de faixa etária, com duração específica. Esse período é vivido de maneira variada, de acordo com a família, o grupo ou o contexto em que estão inseridos. Monteiro (2015) parte das ideias do historiador Philippe Ariès (1981) para pensar como a infância foi construída a partir do século XVII, junto também com o sentido de família. Ambas as ideias se intensificam quando a aprendizagem familiar começa a ser substituída pela aprendizagem escolar, surgindo um período da vida que se denomina infância.

O sentimento de infância e a valorização deste período surgem então neste contraponto, no momento em que aparece a escola formal, em que a criança deixa de ter uma aprendizagem familiar e passa a frequentar um espaço de conhecimento formal específico. Podemos dizer que hoje a infância é uma fase geracional, um período do ciclo da vida valorizado em muitos contextos sociais. O sentimento de infância que remete à idealização duma criança pura e ingênua, um ser sagrado, que não deve ser desvirtuado, podendo ser visto na maioria dos contextos sociais ainda nos dias atuais (MONTEIRO, 2015, p. 101).

Por ser uma construção histórica, e não natural, cabe descobrir como os Calon, por exemplo, definem seus ciclos de vida, pois “o que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais” (COHN, 2005, p. 22).

Baseado em nossas pesquisas com os Calon da Costa Norte da Paraíba, consideramos então que o período da infância nesse contexto é compreendido a partir do nascimento até o matrimônio. “Para os adultos e crianças do grupo, a fase da infância seria aquele período que antecede ao ritual de casamento, podendo haver algumas variações em casos específicos e a partir da perspectiva de quem fala sobre o infante.” (MONTEIRO, 2015, p. 111). O casamento é, portanto, o rito que passará um Calon da fase da infância para a o período da vida adulta.

José Cutileiro foi um dos precursores no estudo de uma masculinidade atrelado ao conceito de honra. A partir de pesquisas realizadas em algumas sociedades do

Mediterrâneo europeu, ele chega à conclusão semelhante. Além de afirmar que “ser homem” em uma sociedade baseada nos princípios fundamentais da *honra*⁷ se concretiza através do casamento, diz que um homem casado sempre terá um status superior frente a alguém que não tenha casado: “O acesso aos direitos e deveres de hombridade (qualidade de ser homem) faz-se pelo casamento” (CUTILEIRO, 1971, p. XVII).

O casamento, assim, pode ser analisado num espectro de rito de passagem, e na Antropologia há um mar inteiro para se navegar⁸ e compreender esse simbolismo do tornar-se adulto a partir do casamento. Van Gennep, (1978, p. 87) afirma que os ciclos de vida são marcados por rituais de passagem e que em muitos contextos o casamento funciona como um: “(...) as cerimônias do casamento neste caso, como em muitos povos, têm o carácter de rito de passagem de uma classe de idade para outra”. Pensando os ciganos, Santanna (1983) afirma: “O casamento funciona como uma ponte, que todo o cigano tem que atravessar para ingressar no mundo dos adultos e que está delimitado pelo nascimento do primeiro filho”. Portanto, “(...) a procriação dentro do casamento é uma premissa de masculinidade (e feminilidade) (FOTTA, 2016, p.126, tradução nossa).

Então, a passagem da fase em que se é reconhecida como criança para a fase adulta, e, conseqüentemente, de um menino para um homem calou, dá-se através do casamento. Esse ato é o ápice do momento limiar, tanto para as meninas e meninos, em que ambos só são legitimados como adultos perante o grupo após o nascimento do seu primeiro filho, sendo reintegrados como uma nova família. Essa fase limiar, entre o fim da infância e o início da vida adulta, que pode durar meses ou anos (dependendo do contexto), é iniciada quando os pais das crianças acertam o casamento e iniciam os preparativos para a festança. Será nesta fase em que inúmeros momentos irão preparar a criança para tornar-se adulta.

7 Por estar de acordo com a definição de Pitt-Rivers, considero a Rua dos Ciganos como baseada nos valores da honra. Assim diz o autor: “Honra é o valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade. É a apreciação de quanto vale, da sua pretensão a orgulho, mas também o reconhecimento dessa pretensão, a admissão pela sociedade da sua excelência, do seu *direito* a orgulho” (PITT-RIVERS, 1971, p. 13).

8 Sobre ritos de passagem ver Van Gennep (1978 [1909]) e Turner (1974 [1969]).

FORMAÇÃO DO “SER HOMEM” NA COSTA NORTE

AS FESTAS E AS RELAÇÕES EM PÚBLICO

Como dito anteriormente, as festas foram, para os pesquisadores, momentos de maior relevância para a compreensão da formação do “Ser homem” entre os calon. Eram nestes momentos em que os homens performatizavam para todos os presentes, e aos ausentes que iriam ouvir falar da festa, sua capacidade de prover financeiramente sua família. Através dessa ‘exibição’, as demais pessoas do grupo os classificariam como um cigano de prestígio ou não. E quanto mais prestígio, mais honra.

O pretendente a honra tem que fazer com que os outros aceitem a avaliação que faz de si próprio, tem que conseguir reputação pois, no caso contrário, a pretensão passa a ser simples vaidade, objeto de ridículo ou desprezo (...). Honra que se sente é honra que se reivindica e honra reivindicada transforma-se em honra recebida. Mas as coisas não são tão claras numa sociedade complexa em que é difícil obter um consenso geral uniforme. O valor de um indivíduo não é o mesmo para diferentes grupos (...) (PITT-RIVERS, 1971, p.14).

Ou seja, para os responsáveis que organizam a festa, quanto mais suntuosa ela for, quanto maior a quantidade de convidados, quanto maior a quantidade de carne e bebida, quanto maior o “paredão⁹” (que será usado para os ciganos cantarem durante a festa ou tocarem suas músicas), enfim, quanto maior for a *ostentação*¹⁰, maior será a sua reputação de bom provedor, de próspero, e, conseqüentemente, mais honrado o cigano sairá da festa. O contrário também é verdadeiro. Um cigano que não oferece uma “grande” festa, perde prestígio frente aos demais ciganos, gerando comentários, desconfianças e questionamentos sobre sua situação financeira.

São os pais quem, geralmente, escolhem o pretendente que casará com seu filho(a) quando ele(a) estiver pronto(a) para casar. Mas há uma negociação com os pretendentes. Quando a decisão é tomada, imediatamente é feito um convite a outra

9 Grandes aparelhos de som automotivos colocados, geralmente, na parte traseira de um carro.

10 Ressaltamos que o termo ostentação utilizado é denotado ao valor emocional de orgulho por tão grandioso acontecimento. Geralmente as festas são enormes, muita comida, bebida e alegria.

família, que analisará e decidirá se aceita ou não. Caso o convite seja aceito, ambas as famílias discutirão os pormenores do casamento, como o local em que seus filhos irão morar após o casamento, a aquisição dos móveis e dos eletrodomésticos, como também a festa de casamento. Todos os familiares participam, de alguma maneira, neste momento de preparo.

Se a família não for próspera ou estiver passando por dificuldades, terá um leque reduzido de escolhas e não poderá fazer o convite a qualquer cigano que esteja apto a se casar. Também será mais difícil recusar um convite que lhe seja feito por uma família que esteja em uma situação mais favorável que a sua, e que terá mais condições de arcar com a maior parte dos custos do casamento.

Mesmo que uma família não esteja com condições de bancar a maior parcela dos custos do casamento, ela tentará, de todas as maneiras, achar um modo de fazê-lo, e a principal solução são os padrinhos. Em muitas ocasiões, os padrinhos custeiam a festa, a casa onde irão morar os recém-casados ou os móveis e os eletrodomésticos necessários para iniciarem a vida conjugal. Um cigano próspero é muito requisitado para ser padrinho de algum casamento ou batizado. Ser convidado para ser padrinho de uma criança cigana é uma enorme demonstração de respeito e confiança, afinal de contas, as crianças são superprotegidas dentro do núcleo familiar e seus primeiros anos de vida são passados única e exclusivamente no interior da família ou do grupo cigano.

Além da demonstração de respeito e confiança, há também um sentido prático em chamar um calon “que tenha dinheiro” para ser padrinho em um batizado ou casamento. Afinal de contas, se o calon não tiver condições de promover uma grande festa, os padrinhos serão a principal solução, ficando responsáveis em ajudar financeiramente com os custos da festa. No casamento de um dos filhos de Seu Waldick, por exemplo, os custos da casa nova ficaram com ele. Sua irmã Vera foi a madrinha do casamento e financiou a festa, já os móveis e eletrodomésticos ficaram por conta da família da noiva. Antes desse casamento, Seu Waldick estava passando por problemas financeiros. Para conseguir custear a casa nova do seu filho e manter sua imagem de homem honrado, teve que vender seu carro, alguns bens, fazer negócio e produzir o suficiente para dar conta.

São frequentes as discussões sobre “quem pagou mais” para a realização de uma festa. Seu Waldick, no caso citado acima, fez um grande esforço para poder pagar a maior parcela dos custos do casamento, tendo que recorrer à ajuda da sua irmã através do apadrinhamento e vendendo alguns bens. Sua maior reclamação, no entanto, era que a família da noiva não se demonstrou tão empenhada em querer pagar mais do que Seu Waldick, o que, segundo ele, demonstrava que a “outra família” era “miserável”¹¹.

Diante desse caso, é possível dialogar com Pitt-Rivers (1971), que argumenta:

A capacidade de pagar é parte essencial do comportamento honorífico seja no contexto da hospitalidade dada a forasteiros ou ao afirmar proeminência entre iguais ou ao conferir proteção a inferiores. Pagar é um privilégio característico do homem de precedência, pois aceitar o pagamento feito por outro coloca um homem em situação de inferioridade. Daí as discussões sobre pagamento de contas que surgem quando não há ninguém previamente definido como superior que possa reclamar esse direito (nestes casos um homem deve discutir convenientemente para proteger a sua honra, mesmo que fique radiante se perder). (...) A humilhação de aceitar o pagamento de outro é ainda bem real, embora talvez não vá tão longe como nos tempos de (...) um fidalgo que trespassou um amigo com a espada por este insistir em pagar a conta depois de terem apanhado uma bebedeira junto (PITT-RIVERS, 1971, p. 45).

Durante a realização das festas, muitas questões, além da “ostentação”¹² e do apadrinhamento, saltam aos olhos mais atentos. Uma delas é o espaço fragmentado das festas. Por motivos variados, é provável acontecer que alguns ciganos teçam intrigas uns com outros. É possível ser uma intriga entre indivíduos, entre famílias, ou entre um indivíduo e uma família. Um detalhe interessante das intrigas é que elas ocorrem entre pessoas com um alto grau de proximidade, seja geográfica ou afetivamente (FOTTA, 2016). Essas intrigas podem durar a vida toda, seguidas pelas famílias mesmo após a morte dos envolvidos. Para Fotta (2016), a intriga

(...) geralmente envolve outros Calon e se torna um mecanismo de segmentação social, já que a inimizade nunca termina - representa um contínuo potencial de violência entre as partes. (GRÖNFORS, 1977, p. 127). Esta ameaça resulta na evitação, que fragmenta o espaço e molda formas de

¹¹ A expressão “miserável” é utilizada no sentido de avarento.

¹² Consideramos utilizar o termo ostentação para significar as relações demonstrativas sobre valores de objetos e ações que predominam na performance dos Calon.

interação entre as pessoas que vêm tratar-se mutuamente como inimigas (FOTTA, 2016, p. 207, tradução nossa).

A simples suspeita da presença de um cigano, com o qual se tem alguma intriga, em uma festa já é o suficiente para fazer com que os intrigados pensem na possibilidade de não ir à festa. As intrigas são também uma maneira e um limite que utilizamos para pensar a territorialidade entre os ciganos.

Segundo Monteiro, “o território entre os ciganos está atrelado às relações de parentesco” (MONTEIRO, 2015), delimitado a partir de algumas questões e conflitos entre a rede de ciganos de uma determinada região, fazendo acontecer a política da evitação. Quando um cigano pensa em desistir de ir a uma festa porque o seu “intrigado” também estará lá, seus amigos e familiares prontamente o orientam a ir à festa e manter uma postura indiferente à presença da sua desavença. Não é a melhor das atitudes evitar a presença do outro, embora todos saibam que eles têm que se evitar. Pitt-Rivers descreve numa perspectiva semelhante. Segundo ele, “não é desonroso evitar uma pessoa com quem se tem uma questão, mas na altura da festa cada um pensa que deve ser o outro a evitá-lo” (PITT-RIVERS, 1971, p. 42).

Na ânsia de se evitarem, ciganos intrigados se posicionam em lados opostos onde ocorre a festa. Em alguns locais onde pudemos estar, os lados opostos não eram necessariamente distantes, o que ocasionava situações em que os intrigados precisavam ficar relativamente próximos, forçando-os a se posicionarem nas mesas de costas um para o outro sempre que possível.

Criticar pessoas pelas costas é uma coisa, mostrar desprezo por elas cara a cara, outra, muito diferente. Esta sociedade dá grande importância às boas maneiras e quando duas pessoas discutiram ao ponto de já não se poderem conduzir cortesmente uma para com a outra, evitam situações que pudessem obrigá-las a isso (PITT-RIVERS, 1971, p. 29).

Quando há uma intriga mais leve, a divisão na festa fica menos rígida e os ciganos podem frequentar a mesa de ambos os intrigados sem maiores questões. Mas quando há entre os ciganos uma intriga maior, a fragmentação do local é nítida. Nesses

casos, com exceção dos ciganos que estão organizando a festa e que fizeram o convite a ambos, poucos são os que frequentam a mesa de um intrigado e depois vão para a mesa do outro.

Mesmo assim, durante todo o tempo em que estivemos em pesquisa de campo na Rua dos Ciganos, essas situações, tão comuns em outros contextos, não tiravam o brilho da festa, nem a deixavam com um ar “carregado” ou tenso. Para nós, sempre foi fácil estar em uma festa fragmentada por uma intriga. Primeiro, porque os calon sempre agem de forma respeitosa para com todos que estão vivenciando aquele momento. As intrigas geralmente existiam entre ciganos, mas nada de rispidez agressiva. Segundo, por não sermos ciganos, não éramos assimilados como tomando partido desse ou daquele. Terceiro, ficar “em cima do muro” nestes casos, ou seja, não sentar com nenhuma das partes envolvidas em uma intriga, era confortável e o mais indicado, pois podíamos ficar em um lugar neutro de onde observávamos a festa e interagíamos com as pessoas que sentavam conosco.

Em busca de prestígio e honra, os homens ciganos sempre querem mostrar possuir o melhor, o mais caro e o mais valorizado em qualquer aspecto do cotidiano. Nas festas, a ostentação é a lei e os ciganos são os juízes. Da ornamentação até a duração dos dias de uma festa, tudo é motivo para se avaliar e, obrigatoriamente, os ciganos não poupam esforços em fazer e realizar sempre o melhor possível.

Óculos escuro, relógio, cordões e pulseiras de ouro, calçados, animais, celulares, carros, etc. O que se usa como vestimenta e acessório também marca o espaço para classificar um cigano como mais “próspero” que outro. Geralmente, todos que ocupam as “primeiras posições” estão muito próximos uns dos outros nessa classificação, criando uma certa igualdade. Mas quando um cigano se destaca, possuindo algum item novo, mais moderno e mais caro e que os outros não possuem, ele eleva o “primeiro lugar” para um novo patamar. Assim, os que ficaram para trás nessa classificação tentarão comprar um item igual ou semelhante para ficarem no mesmo nível, ou um item melhor, para poder mostrar na próxima ocasião, superar seu adversário e estabelecer um novo teto. Isso ocorre com muita frequência com os relógios e celulares e, em menor frequência, com os carros.

A VERGONHA COMO PRINCÍPIO NA IMPORTÂNCIA DO “SABER BEBER” PARA A FORMAÇÃO DO “SER HOMEM”

Outra questão, bastante presente nas festas, é o consumo de bebidas por parte das crianças, em especial pelos meninos. Desde os primeiros goles, eles são supervisionados, orientados e guiados pelos mais velhos para que façam um consumo apropriado da bebida de acordo com sua maturidade e não passem vergonha¹³. Como nos diz Lopes (2008), o consumo de álcool condimenta a sociabilidade masculina e, pelos ciganos, é visto como sinal de maturidade. Como ouvimos em vários momentos, “tem que saber beber”. Ou seja, assim como entre os indígenas da Aldeia Potiguara do Forte (MATOS, 2013), que também estão localizados na Costa Norte da Paraíba, ficar bêbado não é considerado conveniente. “Qualquer sinal de desordem é logo percebido e censurado pelos rapazes de mais status” (MATOS, 2013, p. 60).

Portanto, conhecer seus limites é de suma importância. E para os calon da Rua dos Ciganos, a melhor maneira de conhecer seus limites e aprender quão vergonhoso é ficar bêbado, é bebendo de maneira gradual, desde pequeno, junto com os adultos nas mesas das festas. Conforme ficarem resistentes e ganharem maturidade, os meninos começam a receber permissão para ingerirem bebidas com concentrações de álcool maiores do que cerveja, champanhe e espumante, que são as primeiras bebidas autorizadas.

Durante as festas, os mais novos também aprendem o valor de beber *entre* seus pares, os ciganos, e *na* Rua dos Ciganos. Embora alguns adultos também bebam em bares, especialmente após partidas de futebol que envolvem ciganos e não-ciganos em um campo num bairro vizinho, a preferência deles é que esse tipo de sociabilidade aconteça *na* Rua, em seu contexto. O ambiente da Rua “(...) se constitui como um lugar mais confiável, que permite mais liberdade, do que uma mesa de bar (MATOS, 2013, p. 58)”.

13 A categoria da vergonha é conceitualizada por Florença Ferrari (2010) como o sentimento construtor da identidade Calon versus a pessoa não-cigana. Os valores do Calon honrado são mediados por um sistema que pontua o que é vergonha ou não dentro da cosmologia Calon.

É válido destacar que a conversa é um ponto fundamental nos encontros étlicos que se dão sob a sombra do Cajueiro. (...) O negócio é conversar, beber e olhar quem passa. Neste caso eles possuem uma semelhança entre os bebedores de botequim do texto de Machado da Silva (1967), já que os temas das conversas são principalmente: política local, crimes na região, piadas, mulheres, futebol, trabalho e a vida da vizinhança (MATOS, 2013, p. 59).

É importante ter durante as festas, próximo aos ciganos que estão bebendo, uma liderança ou um calon respeitado que exerça influência para poder dissipar possíveis conflitos, discussões que podem aparentar mais calorosas, e controlar imagináveis tensões que surjam nas mesas enquanto se está bebendo. Matos (2013) também ressalta essa importância em seu contexto etnográfico:

Até no que tange o conteúdo das conversas a questão da autoridade exerce influência. Ao frequentar as bebedeiras sob a sombra do Cajueiro, percebi que essa questão da autoridade atua também como um mecanismo de controle de tensões dentro do grupo, evitando brigas (MATOS, 2013, p. 59-60).

Como os ciganos são os únicos moradores da Rua dos Ciganos, local estrategicamente localizado no limite urbano da cidade onde existem alguns terrenos e casas desabitadas que delimitam o espaço, a confiança e liberdade de beber na Rua se traduz na organização espacial do grupo. Durante as festas, as ruas são fechadas. Carros são estacionados em ambas as entradas da Rua, tendas são erguidas na frente da casa da família que organiza a festa, mesas e cadeiras são colocadas embaixo das tendas e os “paredões” tocam músicas que são escutadas a algumas ruas de distância. Nas festas de aniversários das crianças, brinquedos, como pula-pula e escorregador inflável, também compõem o espaço dos calon. O espaço e o momento das festas são pontos para pensar o sucesso das pessoas responsáveis.

GANHANDO INDEPENDÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DO COMÉRCIO PARA A FORMAÇÃO DO “SER HOMEM”.

O comércio é a principal fonte de renda dos calon da Rua dos Ciganos. Portanto, o “saber fazer negócio¹⁴” é fundamental para se tornar um calon “próspero” que consiga “proteger e promover” socialmente e financeiramente sua família, mantendo-a “prestigiada” e honrada. Assim, entre os calon, um homem que não consegue sustentar sua família ou promovê-la, facilmente perde prestígio e consideração, e, em alguns casos, as esposas passam a praticar a quiromancia em cidades vizinhas para poder conseguir dinheiro.

Vários são os negócios realizados pelos calon. A especulação imobiliária pode ser compreendida como um dos negócios mais lucrativos, assim como em muitos locais no mundo. Para poder comprar bens imóveis e revendê-los, é preciso ter uma quantia razoável de dinheiro, suficiente para poder comprar, no mínimo, um pequeno terreno. Ou seja, quem comercializa bens imóveis geralmente são os calon mais abastados. A menos que se receba uma grande quantia de dinheiro por parte de algum parente, todo homem cigano deverá começar sua reputação de “cigano que vive bem” - reputação que todos almejam - aos poucos, a partir do momento em que começa a se preparar para um futuro casamento.

Para os meninos, o ideal é que se case quando tiver meios de sustentar minimamente sua esposa. Então, anos antes do casamento, o menino começa a se preparar, “fazendo dinheiro” com ajuda da família. O comércio de celulares é um dos primeiros negócios que as crianças começam a fazer. Elas vendem o seu próprio celular, e com o dinheiro compram o celular de outro cigano para revender, tentando sempre vender mais caro do que comprou para obter algum lucro com a venda. Não é sempre que se consegue obter lucro com a venda de celulares, visto que eles perdem valor comercial muito rápido devido aos novos lançamentos, sempre mais modernos, que entram no mercado. O comércio de animais também é bastante realizado entre os meninos, sendo mais fácil obter lucro. No caso dos pássaros, por exemplo, eles os capturam na natureza, treinam e os revendem pelo valor que o tipo do pássaro vale. Um dos mais valorizados é o papa-capim, bastante utilizado em competições de canto. Os

14 O “fazer negócio” é uma denominação dada ao trabalho, ao modo como eles estabelecem para garantir o sustento econômico da família.

papa-capim que conseguem obter boa colocação nessas competições, podem chegar a valer mais de dois mil reais.

Outro animal muito valorizado é o galo. Diferente do pássaro encontrado solto na natureza, os galos, quando não nasceram de alguma galinha da Rua, são comprados e criados em casa como animais de estimação. São os pais que dão aos filhos os seus primeiros galos que, geralmente, são bem jovens. Assim como a sua fortuna, o galo tem que ser tratado com amor e carinho, alimentando-se regularmente para que cresça forte e saudável. Cuidar de um galo exige paciência. Deve-se olhar as garras, o bico, a crina, as penas, enfim, todos os seus detalhes para que se possa notar qualquer defeito. Quando o galo estiver forte, saudável e pronto para suas primeiras lutas¹⁵, chegará a hora de a criança testá-lo em “amistosos” contra outros animais pertencentes às crianças ou aos adultos do grupo. No começo, o seu galo apenas será colocado na frente de outro para que crie vontade pela luta. É aí que ele começa a ensaiar seus movimentos de saltos, suas bicadas e a suas clarinadas.

As crianças, então, vão aprendendo as qualidades de um bom galo, os cuidados necessários para deixá-lo forte, o treinamento para brigar e como negociá-lo. Os meninos da localidade sabem muito bem como identificar as qualidades de um galo e como negociá-lo baseado nelas, criando uma grande especulação sobre quem tem o melhor galo.

Em todas as negociações feitas, de automóveis, imóveis, objetos de ouro, animais, o poder de persuasão é insubstituível, pois num lugar onde se tem poucos comprovantes físicos, com a exceção dos automóveis e imóveis que se têm documentos e escrituras atestando o valor dos objetos, a palavra faz a diferença. Quanto maior o prestígio, maior será a confiança em sua palavra.

Em muitos casos, os ciganos irão supervalorizar seus produtos, colocando-os acima do preço que eles mesmos acreditam valer. É um verdadeiro jogo de olhares onde o *poker face*¹⁶ ajuda a manter a performance na venda. Representar a realidade¹⁷ como

¹⁵ Para conhecer mais sobre brigas de galo, ver: MATOS (2016).

¹⁶ Termo originário dos jogos de Poker que faz menção a expressão facial feita pelos jogadores para ludibriar o oponente.

¹⁷ Para saber mais sobre representação da realidade, ler Pitt-Rivers (1971, p. 24-25).

os convêm também é uma tática bastante utilizada pelos ciganos. Táticas na hora da venda, como presenciamos mais de uma vez, com o alerta de que o pássaro “canta muito! Chega dar gosto de ouvir”. Uma fala atrativa sobre o que se quer vender, supervalorizando, é parte da performance na hora do comércio.

A ARTE CALON: A IMPORTÂNCIA DO “SABER CANTAR” PARA A FORMAÇÃO DO “SER HOMEM”

A habilidade vocal é um dos saberes mais respeitados entre os ciganos. Um homem cigano considerado como um bom cantor ganha muito prestígio e respeito, por isso saber cantar é tão valorizado. Pelo fato de o sertanejo ser o estilo de música favorito entre os calon da Rua dos Ciganos, as características referentes a esse estilo musical são utilizadas para analisar a qualidade de um cigano como cantor. E eles são rigorosos. Para ser considerado um bom cantor, não basta apenas possuir o timbre certo para o canto sertanejo, é imprescindível que o cantor consiga “alcançar as notas mais altas”, mantendo a voz firme, no tom e no ritmo certo, com clareza e num volume considerado agradável. Para eles, a voz tem que ser aguda ao ponto de conseguir alcançar as notas mais altas como Zezé di Camargo (nos seus primeiros discos¹⁸), Léo Magalhães e Gustavo Lima, seus cantores favoritos, costumam fazer.

A forma de descobrir se um cigano sabe ou não cantar é a mais lógica possível: cantando. Logo nas nossas primeiras visitas à Rua dos Ciganos, o “saber cantar” ficou muito evidente. Em um determinado dia, quando fomos à casa do cigano Osvaldo para almoçar, sentamos no chão da garagem, encostados na parede lateral esquerda. Seu Waldick, que nos acompanhava fazendo as intermediações, pediu que um grupo de crianças, que tinham entre dois e oito anos, sentassem-se ao nosso lado.

Disse seu Waldick: “filme aí minha filha, vai começar o show dos ciganinhos”. Preparamos a câmera e esperamos as crianças iniciarem a cantoria com os adultos presentes na Rua dos Ciganos naquele dia. O cigano Osvaldo saiu de dentro da sua casa com seu violão na mão e sentou em um tamborete na nossa frente. Nossa expectativa

¹⁸ Zezé di Camargo atualmente perdeu prestígio junto aos ciganos devido a sua voz não conseguir mais “alcançar notas altas”. Os discos mais escutados dele são os do início da carreira, quando ele “conseguiu alcançar as notas”.

era alta, pois todos estavam ansiosos pedindo que ele tocasse a música “Vai dar tudo certo”¹⁹. Quando Osvaldo começou a tocar e cantar a música, as crianças foram acompanhando e cantando junto. Mas um deles, em especial, se destacava: o filho do próprio Osvaldo, com a idade de um ano e 8 meses. Era justamente ele que todos queriam ouvir. Ao seu modo, foi cantando toda a música em voz baixa, mas no refrão ele soltava a voz para “alcançar as notas altas”. Todos aplaudiam, riam e incentivavam na hora do refrão: “Agora, vai! Alto”. O filho do Osvaldo entoava ainda mais alto, levantando o punho fechado para o alto e fechando os olhos, em especial na última palavra do refrão: “vai dar tudo CERTO”. O filho do Osvaldo era, naquele momento, a estrela do show, enchendo o pai de orgulho.

Após as crianças, os adultos se revezaram nas apresentações, sempre sendo filmados, a pedido do Seu Waldick. Seu filho, Magalhães, foi um dos que se apresentou. Considerado um dos melhores cantores entre os calon, foi calorosamente chamado para cantar, e, embora relutante, acabou atendendo aos pedidos. A apresentação dos melhores cantores da Rua, entre as crianças e entre os adultos, nos mostrou o quanto eles valorizam a música e os músicos, e também o quanto eles gostam que os outros, ciganos e jurons, conheçam suas habilidades.

Os que não tenham “recebido o dom”²⁰ de cantar, devem, no mínimo, aprender a reconhecer uma boa voz, utilizando os elementos citados no início, ou a tocar algum instrumento, de preferência violão. Se aprender a tocar, poderá acompanhar o cantor como seu músico. Nesses casos em que não se tem o “dom”, o cigano não estará impedido de cantar, mas de forma silenciosa. Espera-se que ele tenha a consciência dos lugares em que ele pode cantar. Quando nos referimos a “poder cantar”, queremos dizer cantar como voz principal, como primeira voz, aquele que “cantará no microfone”.

Numa festa interna, como as de natal e réveillon, em que geralmente só se participam os ciganos da Rua, quem não tem habilidade pode cantar, mas sempre como segunda voz, ou acompanhando alguém que saiba, como uma espécie de karaokê. Nesses casos, como não há pessoas de fora e a cantoria é amistosa, não se corre o risco

¹⁹ Música do cantor gospel Waldeci Aguiar.

²⁰ É comum escutar entre os ciganos que alguém “recebeu o dom” de cantar, evocando assim o caráter divino dessa sabedoria.

de passar vergonha, demonstrando, para mais pessoas além dos calon da Rua, que não se tem “o dom”.

Numa festa externa, como as de casamento, batizado e aniversário, quem não tem habilidade só pode cantar se a festa for pequena, onde há poucos ciganos de fora. Quando a festa é grande, o que traz muitos ciganos de outras regiões e estados, a cantoria deixa de ser amistosa, passando a inspirar até um pouco de competição. Nessa situação, aqueles que não têm habilidade suficiente já sabem, através de uma autoconsciência criada coletivamente, que não devem cantar. Nestas festas, geralmente, microfones, violões e teclados são ligados a uma “mesa de som” que, por sua vez, é ligada a um “paredão”. A competição, que é invisível e interdita, segue com um cigano cantando após o outro, sua música preferida (e que mais favorece a sua voz). Momento em que todos tentam superar a si próprios e aos demais em busca do título de “melhor cantor”.

É importante salientar também que todos os “competidores” têm o direito a cantar no microfone, mas não podem ficar muito tempo cantando. O ideal é que se cante uma música, ou no máximo duas, e passe a vez para outro cantar. Caso isso não aconteça, alguém pode querer fazer valer o seu direito, tirando o cantor que “alugou o microfone”²¹, ou saindo do local anunciando a todos que o cigano está acabando com a festa porque “não solta o microfone”.

Essas competições envolvem sempre os homens adultos “mais jovens”. Os adultos “mais velhos”, que tem por volta dos 60 anos, entram nessas competições como *hors-concours*²², ou seja, alguém que nos seus tempos de “jovem” já foi muito laureado, visto hoje como uma inspiração para os mais jovens. Um desses *hors-concours*, um cigano do Rio Grande do Norte, que já tivemos o prazer de ouvir cantar em várias ocasiões, inclusive fora da Costa Norte da Paraíba. De semblante simpático e sorridente, é um dos preferidos e sempre nos emociona com um canto que gostamos (nós e os

²¹ Expressão muito utilizada para se referir a alguém que canta muitas músicas seguidas sem dar espaço para outros cantarem.

²² Palavra de origem francesa que é relativa a uma pessoa que está fora da competição por ser considerado boa demais, sem comparação.

ciganos) de chamar de “apaixonado”, “que vem de dentro”, “da alma”, embora não saibamos definir sobre o que isso significa.

Muitos que “possuem o dom” iniciam uma carreira de cantor, chegando a gravar alguns CDs. Os ciganos Osvaldo e Magalhães gravaram seus CDs há alguns anos, mas suas carreiras na música não duraram muito. Outros têm uma carreira longa na música, fazendo shows e gravando vários discos. Alguns deles são gravados no Chibi, como é o caso do calon do estado vizinho citado no parágrafo anterior, e fazendo seus shows pela região.

Consideramos, assim, o “saber cantar”, um ofício artístico que traz muito prestígio para um calon²³, de importância fundamental para a construção do “ser homem” entre o grupo.

ESBOÇANDO CONSIDERAÇÕES

Apresentamos como consideração termos ou categorias que fecham a perspectiva da lógica do modo de vida calon nesse processo de construção da masculinidade. Os valores derivados da honra poderiam ser, então, resumidos na *Prosperidade, Promoção e Provisão* da família, vista como prioridade na produção da vida de um homem calon. No que se refere à *Prosperidade*, por exemplo, além de possuí-la, o calon deverá mostrá-la nas mais variadas situações: ostentando na organização de uma grande festa (casamento, batizado ou aniversário), na posse de bens valorizados pelos ciganos (terrenos, casas, carros, motos, ouro, etc.), no número de afilhados e nas “competições” de canto e de animais. O *Provisão* é o elemento básico da honra. O mínimo que se espera de um homem cigano, é que ele consiga prover as necessidades básicas de sua família. Por fim, a *Promoção* pode ser considerada como o resultado das suas ações. Se o homem cigano for honrado e prestigiado, sua família será elevada a níveis mais altos dentro do status social dos calon.

²³ Não é difícil de achar mulheres ciganas que também se arrisquem na cantoria, mas na Rua dos Ciganos o cantar era algo mais enfatizado no espaço masculino.

A Prosperidade, a Promoção e o Provimento são categorias que se alinham na perspectiva de formar a pessoa masculina entre os calon no contexto etnográfico vivenciado, sendo pontos que sintetizam as observações realizadas de vários momentos ao longo dos anos de pesquisa. Esses elementos foram refletidos dentro da perspectiva do grupo, dos valores que são construídos coletivamente.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- ARRUTI, José Mauricio. Etnicidade. In: SANSONE, Lívio; FURTADO, Cláudio A. (org.) **Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.
- BOURDIEU. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CUTILEIRO, José. Prefácio à Edição Portuguesa: honra, vergonha e amigos. In PERISTIANY, J.G. (org.). **Honra e Vergonha**: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971
- FERRARI, Florência. **O mundo passa**: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros, tese em Antropologia Social, Universidade de São Paulo. 2010.
- _____. **Um olhar oblíquo** – contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano. São Paulo. Dissertação de doutorado, Depto. Antropologia Social, FFLCH-USP, 2002.
- FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 390pp. 2005 [1943].
- FOTTA, Martin. They say he is a man now: a tale of fathers and sons. **Journal of Latin American Cultural Studies**, 25:2, p. 199-214. 2016.
- GENNEP, Arnold van. **Os Ritos de Passagem**: estudo sistemático dos ritos da posta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.; trad. Mariano Ferreira. 4ed. Petrópolis, Vozes, 1978[1909].

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa- PB**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. (Coleção Humanidades).

_____. **Os Ciganos**. Galante, Fundação Hélio Galvão, n. 02, v. 03, Natal, Setembro de 2003.

LOPES, Daniel Seabra. **Deriva Cigana**: Um estudo etnográfico sobre os ciganos de Lisboa. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**, São Paulo: Abril Cultural, (Coleção “Os pensadores”). (1984[1922]).

MATOS, Rafael. Leal. **Bebendo no Cajueiro**: um ensaio etnográfico sobre o consumo de bebidas alcoólicas na aldeia Potiguara do Forte. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2013.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento J. Monteiro. **As Crianças Calon**: Uma Etnografia Sobre A Concepção De Infância Entre Ciganos No Vale Do Mamanguape- PB. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPB. João Pessoa-PB, 2015.

MONTEIRO, Renan Jacinto. **De menino à homem**: a construção do “ser homem” entre os Calon da Costa Norte Paraibana. Monografia defendida no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PB, 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**: Olhar, ouvir e escrever. Revista de Antropologia, v.39 n.1, p. São Paulo, USP, 1996.

PITT-RIVERS, Julian. Honra e Posição Social. In: PERISTIANY, J. G. (org.) **Honra e Vergonha**: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**. Petrópolis: Ed. Vozes, p. 116-159. 1974 [1969].

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WEBER, Max. Relações Comunitárias étnicas. In: **Economia e Sociedade**. V. 1. 5. Ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994[1922].

Recebido em: 08/05/2018

Aceito para publicação em: 22/10/2018